

A produção cerâmica como reafirmação de identidade étnica Maxakali: Um estudo etnoarqueológico¹

Luciane Monteiro Oliveira²

A pesquisa realizada teve como objeto a documentação material cerâmica produzida pelas mulheres do grupo indígena Maxakali, em que foi evidenciado todo o processo de produção dos vasilhames. A finalidade foi compreender o modo de vida dos *Tikmu'un* – autodenominação dos Maxakali – e sua atuação no espaço, na tentativa de verificar como os aspectos materiais da cultura são peças fundamentais na engrenagem de funcionamento em sua reprodução cultural.

A problemática suscitada foi a existência de uma intrínseca relação entre a produção material e comportamento do grupo na reafirmação de sua etnicidade. Dentre a diversidade da materialidade cultural do grupo, a opção pela documentação cerâmica se deu em função de suas características de preservação, constituindo num dos principais instrumentos para a reconstrução arqueológica.

O procedimento empregado na coleta de dados em campo foi a observação e participação da vida cotidiana dos Maxakali e algumas intervenções por meio de entrevistas informais e de transcrição das narrativas míticas. O arcabouço teórico que deu sustentabilidade à pesquisa foi o referencial da etnoarqueolo-

gia, ao entender que esse oferece a possibilidade de um entendimento da identidade étnica em sua ativa manutenção dos limites culturais no processo de interação social.

Considerarei como hipótese, que a despeito das alterações ocorridas no grupo a resistência e a manutenção das formas de vida sociais sobre as quais estão calcadas sua autonomia cultural e autodenominação identitária. Em minha interpretação a cerâmica expressa essa dinâmica de reelaboração dos fenômenos culturais, envolvidos na produção, uso, finalidade e atributos simbólicos.

As técnicas ou procedimentos da produção cerâmica compreendem a coleta de matéria-prima argilosa, construção, queima em fogueira rasa, os instrumentos associados nesse procedimento e a duração do tempo. As fontes de argila devem ter propriedades para sua manufatura e queima.

Além dessas categorias vale ressaltar as categorias simbólicas. O papel dinâmico e criativo da tecnologia moldando as formas e categorias sociais e o modo nos quais essas formas e categorias influenciam as escolhas tecnológicas do comportamento. Assim como as escolhas técnicas, categorias sociais e significados, motivações e decisões para produzir cerâmica são vitais na variação funcional das formas.

As mulheres Maxakali produzem vasilhames de tamanhos variados, sendo os maiores empregados no preparo de refeições coletivas, os de tamanho médio voltados para as refeições familiares e individuais e os menores para armazenar sementes ou então como resultado do processo de aprendizagem usado nas brincadeiras das crianças, além dos artefatos produzidos a partir da apropri-

¹ Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo em novembro de 1999. O projeto de pesquisa desenvolvido tinha como objeto a cerâmica do grupo indígena Maxakali, ponto de partida para compreender os aspectos que regem a totalidade dos *Tikmu'un* autodenominação dos Maxakali.

² Graduada em História, Mestre em Arqueologia e Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo.

ação das relações com a sociedade dominante.

O uso dos vasilhames de tamanho médio fica restrito ao espaço doméstico, familiar e individual. A quantidade utilizada é bem restrita, em média três a quatro vasilhames em cada família de ceramista. Nem todas as famílias utilizam, uma vez que a produção para o uso interno é cada vez mais escassa, voltada mais para a comercialização. No caso dos vasilhames utilizados para armazenar sementes, devido a sua facilidade de produção, observamos uma frequência maior em relação aos demais. Não obstante, o tempo de uso, apesar de ser para armazenagem a seco é bem menor.

Os vasilhames comercializados podem ser produzidos a partir de encomendas, sendo o mais comum a talha para armazenar água, seguida de suportes para colocar plantas, conferindo um caráter utilitário e aqueles que imitam os vasilhames industrializados. Além desses, o mais requisitado é a botija em forma de pata. Outro fator que contribui para a pouca quantidade de uso é o domínio técnico da produção cerâmica. Atualmente, somente as mulheres mais velhas dominam a técnica e produzem. As moças, embora tenham o conhecimento oral, não se interessam em produzir vasilhames cerâmicos dada a facilidade de obtenção dos vasilhames de alumínio e plástico, além do pouco valor atribuído ao vasilhame na sua venda.

A variabilidade do produto está associada à economia da produção cerâmica: produção, distribuição e uso, isto é, como foi produzido e como essa produção foi organizada. Quando a produção está voltada para a venda do produto, percebemos algumas mudanças no tratamento conferido à matéria-prima, uma vez que, nesse contexto, outras significações estão expressas no artefato, indicando o estabelecimento de relações com o outro e a apropriação de imposições culturais da sociedade envolvente

como recurso e estratégias de sobrevivência.

A produção dos vasilhames, manufatura da cerâmica, a tecnologia, a obtenção e preparação dos recursos, a forma, a queima, o uso e os instrumentos e técnicas empregados, representam uma outra face da economia, na medida em que as atividades femininas expressam a participação na economia do grupo, bem como os aspectos funcionais dos vasilhames estão correlacionados à manutenção e sobrevivência física do grupo, considerando-se que a alimentação e seu preparo são de responsabilidade das mulheres.

Além da preservação física, os alimentos oferecidos nos rituais são preparados pelas mulheres, momento onde são realizadas, as trocas e movimentadas as relações de reciprocidade.

Na outra extremidade, está a comercialização dos artefatos cerâmicos, muitas vezes produzidos para a aquisição de alimentos para a realização do ciclo ritual. Essa prática surgiu como alternativa econômica face à escassez das fontes de proventos tradicionais sentidas a partir do desmatamento da área ocupada pelo grupo. Como a prática de comercialização da cerâmica vem desde o processo de colonização e aldeamento, o grupo sentiu a necessidade de estabelecer tais estratégias como forma de sobrevivência física.

No que se refere às unidades estruturais da tecnologia, no âmbito da economia inserido nos processos social as relações entre idéia e significado assume proporções de interpretação no qual a técnica e sociedade são observadas de acordo com a relação da sociedade com a cultura e a natureza.

O local da produção, a distribuição espacial dos recursos, os artefatos relacionados à produção cerâmica, as formas da cerâmica, assim como o clima, o grau de mobilidade, as tradições e valores culturais são componentes determinantes para a produção da cerâmica.

A frequência e sazonalidade da produção cerâmica são ocasional, realizada nos meses secos, junho a setembro. A tecnologia de manufatura, de queima, o tempo de produção por vasilhame, a distância da fonte de matéria-prima, a distribuição e intercâmbio são capitais para entender as formas de vida do grupo.

Em se tratando de reciprocidade e redistribuição a estrutura de organização social do grupo Maxakali é evidenciado no subsistema sócio-técnico. A reciprocidade, *Komãy*, movimento de bens entre indivíduos, se dá a partir de relações simétricas ou iguais, categorizada pela distância social do participante, fundada no parentesco. As mulheres são as produtoras dos vasilhames cerâmicos, bem como na estrutura do parentesco, uma vez que envolve a seção residencial: mães, irmãs, cunhadas e sobrinhas. Os artefatos são produto e vetores das relações sociais.

A criação e ação na produção cerâmica representam as idéias materializadas na forma e função através da incorporação das substâncias como a pasta, a argila e o tratamento de plasticidade com a adição de água.

A articulação do mito nas formas de vida social do grupo se dá através de categorias do pensamento previamente elaboradas no que se refere às concepções do ser humano, do tempo, do espaço e do cosmos. Através da cerâmica são transmitidas referências sobre as formas de vida social como o sexo, a idade, grau de parentesco, além dos aspectos

simbólicos retidos na forma e na idealização da confecção dos vasilhames.

A realização ritual implica na inserção, confluência e presença do sobrenatural. Durante essa experiência são realizadas ações de troca recíproca, distribuição e partilha dos alimentos, solidariedade interna proporcionando a reprodução da sociedade e reafirmação da sua identidade na relação de alteridade.

A relação da cultura material com a etnicidade está inscrita na narrativa mítica sobre a origem da mulher Maxakali. De acordo com o mito, a mulher é proveniente do barro, matéria-prima do objeto a ser fabricado. A mulher é a mantenedora da cultura, *matéria-prima* sobre a qual está estruturada a cultura do grupo, uma vez que seu espaço de atuação é o doméstico/interno, espaço de transmissão de aprendizagem e educação, com o aspecto da reprodução física através do sangue. É durante esse processo que a transmissão do conhecimento flui, além de marcar a participação feminina nas atividades econômicas do grupo na relação intercomunitária. A comercialização movimenta a dinâmica social do grupo no todo sistêmico, a organização espacial, organização social, atividades econômicas e simbólicas.

A produção material cerâmica assume então uma expressão simbólica do potencial criativo do grupo Maxakali em colaboração e interação com o mundo que os circunda. É a sobreposição do pensamento mítico condicionando o comportamento humano.